



JESUS DE NAZARÉ ENTENDIDO COMO UM AGENTE SOCIAL
JESUS OF NAZARETH UNDERSTOOD AS A SOCIAL AGENTROCHA, Maicon Samuel Alves da¹.**RESUMO**

A temática discutida neste trabalho buscou abordar a vida do homem Jesus de Nazaré como ser social e transformador de sua realidade, sem uma visão mística e fundamentalista. O ser humano Jesus foi mais aprofundado como exemplo de agente social, este que está a serviço do indivíduo que sofre pela opressão ou por qualquer outro tipo de sofrimento proveniente da má qualidade de vida ou de tratamento. Jesus em seu tempo buscou mudar sua realidade trazendo de forma clara e objetiva outra forma de se pensar o homem e o divino tanto visto que a sociedade judaica não querendo encontrar o divino no homem buscava-o em muitas práticas religiosas que os afastava do verdadeiro bem que era a partilha e o bem-estar de todas as pessoas sem restrições. E Jesus como se mostrou neste trabalho procurou dar através da sua voz e de seu exemplo prático a mudança e a transformação de uma sociedade opressora para uma sociedade acolhedora.

Palavras-chave: indivíduo, Liberdade, bem-estar.

ABSTRACT

The theme discussed in this work sought to address the life of the man Jesus of Nazareth as a social being and transformer of his reality, without a mystical and fundamentalist vision. The human being Jesus was further explored as an example of a social agent, who is at the service of the individual who suffers from oppression or any other type of suffering resulting from poor quality of life or treatment. Jesus in his time sought to change his reality by bringing in a clear and objective way another way of thinking about man and the divine, so much so since Jewish society, not wanting to find the divine in man, sought it in many religious practices that kept them away from true good. which was the sharing and well-being of all people without restrictions. And Jesus, as shown in this work, sought to give, through his voice and his practical example, change and transformation from an oppressive society to a welcoming society.

Keywords: individual, Freedom, well-being.

¹ Professor de educação básica do estado de Goiás, pós-graduado em metodologia do ensino de artes e sociologia, e licenciado em filosofia e história pela UNIFAVENi. Email: maiconsamuelalves@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Dentre todos os períodos e fases do cristianismo e da história universal inclusive o momento atual, se percebe essa negativa de mostrar o Jesus histórico e dar ênfase no sobrenatural e místico fazendo uma única interpretação de Jesus. Para se ter uma boa interpretação da realidade do Jesus de Nazaré é necessário estudar o homem, caso contrário se torna incompleto e prejudicial o estudo.

A intenção é mostrar a realidade física e social que este homem representou naquele período e que marcou profundamente a história posterior de todos os tempos. Esquecer suas lutas e confrontos com a elite de sua época se torna uma grande perda para os avanços sociais que devem ocorrer no hoje diante de muitas realidades que ainda persistem a semelhança com a que Jesus enfrentou quando caminhava ainda nesta terra.

O fator religioso se torna de forma abstrata se se esconde o humano que Jesus foi e a sua luta coerente diante o sofrimento e a miséria provocada pela falta de uma consciência humanizada e fundamentada no individuo enquanto ser participante e atuante de uma sociedade, foi o que quis o homem de Nazaré que foi morto pelo Estado Romano em trama com a classe sacerdotal de sua época por serem estes os defensores da impunidade, da desigualdade e do poder repressor.

A bela iniciativa do jovem Jesus com uma linguagem diferente de qualquer filosofia até então vista pretendia libertar da opressão os desvalidos e pobres denunciando mesmo que a duras palavras a hipocrisia dos representantes da lei de sua época, mesmo que tais atos tenham o levado a uma das formas de morte mais violenta da história humana.

Dessa forma, busca-se mostrar a linguagem do amor histórico de Jesus transmitido através de uma esplendida idealização do que seria o ato verdadeiramente do ser religioso e social. A vida deve se pautar pela resoluta certeza de que todas as vidas importam e que o humano deve se tornar divino e o divino humano.

O presente trabalho buscou elaborar a pesquisa através do método bibliográfico, consultando fontes históricas e teológicas contemporâneas que

abordaram os temas desenvolvidos neste trabalho com profundidade e responsabilidade intelectual.

2. O CONTEXTO GEOPOLÍTICO DE JESUS

A estrutura geológica das principais regiões que Jesus percorreu, que foram a Judéia, Galileia e Samaria, se diferenciavam muito. A Judeia tinha uma região montanhosa e árida, cujas principais práticas de trabalho estavam na aquisição da pesca ou criação de ovelhas e gado. Já na Galileia e Samaria era uma região muito boa para a agricultura, neste caso para o plantio. No começo, essas regiões estavam sobre o domínio do rei Herodes o Grande², (só depois de sua morte que foi repartido por seus filhos seu reinado), onde este controlava todo o território local, inclusive o pequeno povoado de Nazaré, onde os historiadores atestam ser o local que Jesus morou por muitos anos até o início de sua pregação.

O reinado de Herodes, o Grande, foi dado pelo Imperador Romano Pompeu, que ao invadir toda a Judeia em 50 a.C colocou sobre os cuidados de Herodes a Judeia e Galileia no século 39 a.C, depois que Pompeu ter demolido toda muralha de Jerusalém e danificado, e muito, o Templo. Ao ser transformado a Judeia numa província Romana e dada aos cuidados de Herodes, este reconstruiu os muros de Jerusalém e o templo, para agradar a população local, pois o templo e as muralhas de Jerusalém haviam sido danificados pelas invasões dos assírios e romanos.

A partir do reinado de Herodes, o Grande, inspecionado por Roma, os tributos passaram a tomar padrões abusivos e por isso que, se verifica em relatos dos Evangelhos, o quanto os Herodes e os romanos eram odiados pelos judeus, inclusive, pela casta sacerdotal, que eram submissos aos Herodes e Romanos, por medo da espada romana. Nesta base, quando Jesus já atuava na Judeia estava sobre o reinado de Herodes Antipas e pelo governador Romano Pôncio Pilatos³, este mesmo

² Herodes o Grande, o mais famoso trata-se daquele que é conhecido como **Herodes, o Grande, rei** de Israel entre 37 a.C. e 4 a.C. Nascido em Jericó, na região de Iduméia, sua mãe era nabatéia, o que não lhe criava parentesco algum com os judeus, não lhe dando, portanto, o direito à coroa da Judéia.

que condenou, a pedido dos judeus, Jesus a morte de crucificação, como se pode confirmar no livro do apóstolo João (9:9). (Bíblia, 1959)

Foi dado a Pilatos a função de abafar, pela força militar toda insurreição e revoltas dos judeus contra Roma e o recolhimento dos impostos ao império romano, quanto para os Herodes ficou incumbido o controle da religião judaica e ações sociais para o povo. Como se sabe, na história, tal governador cumpriu seu dever com tenaz brutalidade e de acordo com os relatos, temos a história da revolta de Judas, no ano 6 d.c, tendo sido violentamente controlada por Pilatos, segundo o historiador antigo Flávio Josefo e no livro de Atos dos Apóstolos (5:37). (Bíblia, 1959)

Desta forma, a paz romana era dada por condenações a morte de mais variáveis tomentos sem nenhuma piedade, prisioneiros, ladrões, insurgentes eram todos mortos pela crucificação, pois, além da vergonha de ser pregado nu em uma cruz de madeira, ter a dor dos pregos ⁴transpassando mãos e pés tinha-se uma morte lenta, onde alguns condenados levavam dois a três dias para morrerem, e depois eram jogados seus corpos em um local chamado, pelos Judeus, de “Gólgota” - lugar dos ossos.

Toda a vida e a moral dos Judeus estavam em volta do Templo de Jerusalém. Suas estruturas de contagem temporal estavam sob os acontecimentos que se realizavam dentro do Templo e por isso que todo Judeu deveria ir ao menos uma vez ao ano ao Templo e dar o seu sacrifício em expiação de seus pecados. outras práticas ritualísticas os judeus também eram obrigados a fazerem no templo como a circuncisão selo permanente para a entrada masculina no judaísmo desde Abraão como se pode comprovar no Antigo Testamento, Gênesis (7.-4) e essa prática segue até os dias atuais. (Bíblia, 1959)

Para se estabelecerem como uma religião unificada era costume em cada comunidade judaica distantes de Jerusalém criarem sinagogas onde se lia a Torá (Livro Sagrado dos Judeus) aos domingos e ensinavam os meninos os escritos dela, e a estes eram então ensinados a partir disso a ler e escrever. Como o Judaísmo era

³ Poncio Pilatos, governador romano, da província da Judeia, que condenou Jesus à morte por insistência dos sacerdotes judeus. Pôncio Pilatos viveu na Judeia, província romana do Oriente Médio, quando a região estava sob o domínio romano. No século I a. C.

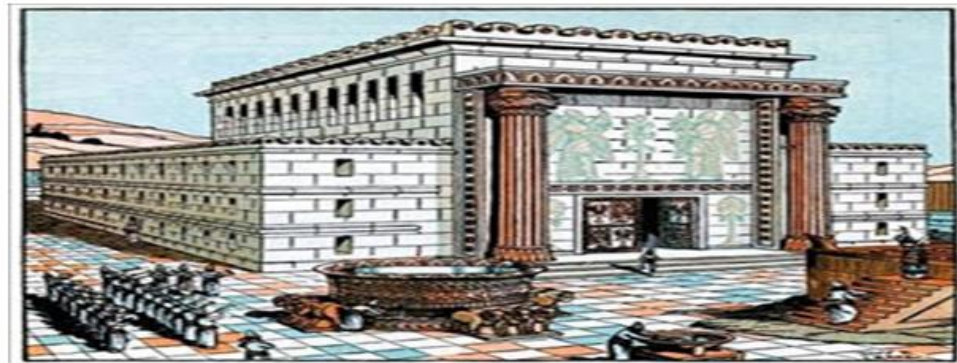
dados pelo patriarcalismo as mulheres eram vistas como inferiores aos homens e tinham pouco espaço no âmbito social, não podiam ler a Torá nem participar ativamente nas sinagogas nem no templo de Jerusalém.

Dentro deste poder religioso da época, em que toda a população judaica se firmou foram surgindo diversas seitas religiosas, cujas mais importantes e que tinham total controle do templo eram: os fariseus, saduceus e herodianos. O serviço de todos eles estavam voltados para fazer os sacrifícios no templo ao estudo das leis de Deus e o serviço as vontades dos Herodes e do Sumo Sacerdote, este último era o único que poderia adentrar na chamada sala do Santo dos Santos dentro do templo de Jerusalém onde a Arca da Aliança era guardada.

O templo de Jerusalém se localizava em um ponto de destaque da cidade onde de longe se podia contemplar sua grandeza, é famosa a passagem bíblica que relata os evangelistas e em destaque Lucas (9. 4-44) (Bíblia, 1959). A sua estrutura está dividida em pórticos ou salas onde se selecionava as pessoas que ali podiam adentrar. Caso uma pessoa adentrasse a uma das salas que não o era permitido, poderia ser levado a morte.

Abaixo de forma ilustrativa, pode-se ver a reconstrução do templo de Jerusalém elaborada e feita por Herodes o Grande por volta do ano 39 a.c, onde se buscou restaurar ao máximo o que se tinha feito pelo rei Salomão em sua construção primeira do templo de Jerusalém em homenagem ao seu pai Davi que morreu sem poder construir o templo que queria dar a Deus. Veja a figura do Templo de Salomão e a figura 2 da reconstrução feita do Templo por Herodes o Grande, Além dos Templos construídos por Salomão e Herodes O Grande houve uma terceira reconstrução no período da libertação dos Judeus no tempo do exílio na Babilônia. O templo de Zorobabel foi construído depois da libertação das mãos do rei Nabucodonosor feita por Ciro rei da Pérsia em 539 a.C. Veja a figura 3, que demonstra como de fato ficou esta reconstrução do templo deste período.

Figura 1



Fonte: jamilkauss24.blogspot

Figura 2.



Fonte: jamilkauss24.blogspot

Figura 3



Fonte: jamilkauss24.blogspot

Tinha-se como lei judaica na época de Jesus que todo Judeu no período de um ano tinha por obrigação ir ao templo três vezes, a primeira era a Páscoa e a festa dos

pães asmos, a segunda vez, tratava-se da festa das colheitas e a terceira vez, a festa dos Tabernáculos. Segundo o historiador Flávio Josefo (37 – 100 d. C), só na época de Jesus, cerca de 2,5 milhões de Judeus iam ao menos uma vez ao ano visitar o Templo em Jerusalém. Toda a estrutura política-judaica estava voltada para em um poder teocêntrico, diferente da civilização grega desta mesma época que buscava um ideal de homem racional e da romana que buscava um ideal de cidadão romano.

3. O INÍCIO DO IDEAL DE JESUS.

Como foi aqui relatado o início da peregrinação de Jesus começa por volta de seus 30 anos de idade (a maioria dos estudiosos sobre a vida de Jesus concordam a esse respeito) e depois de seu batismo, feito por João Batista, nas águas do rio Jordão. Ele, após 40 dias de deserto, começa a intimar seus concidadãos a “converterem-se e a ouvirem a boa nova”. (Mt 1:15). (Bíblia, 1959)

Para se ter uma ideia mais próxima de Jesus e suas peregrinações por grande parte da Judéia e Galileia é importante que olhe esse caminho sem volta, que ele inicia, neste episódio, com João Batista, o qual ele se revela como filho de Deus e, o próprio o Deus o releva dessa forma (Lc 9:35) (Bíblia, 1959). A partir disso, Jesus profere sermões a multidões, cura doentes, expulsa demônios e todos começam a conhecê-lo e sua fama se estende por diversos lugares. Os evangelistas relatam que até os fariseus buscavam encontrá-lo ou para colocá-lo a prova ou simplesmente, para testemunhar suas pregações e seus milagres.

E é com os fariseus que Jesus trava suas principais discussões calorosas acerca das leis e costumes trazidos pelos fariseus. Jesus em muitos momentos relatados pelos evangelistas chamam os fariseus de hipócritas (Mt 23: 3. Lc, 11: 39-52) (Bíblia, 1959) e os condena ao fogo eterno. O que se percebe, na revolta de Jesus contra os fariseus e escribas de sua época, é justamente a sua nova proposta acerca do reino de Deus, que agora não mais corruptível e transgressor como estava sendo pelos mestres da lei de sua época, que segundo o próprio Jesus, estes fizeram do Templo um local de desonra e covil de salteadores (Mt 2:2) (Bíblia, 1959).

Para o historiador Antony Le Donne (2019) foi este ato de Jesus em expulsar os vendilhões do Templo que o levou a morte, a sua recusa em aceitar um reino espiritual e temporal no mesmo patamar estava fora de cogitação. De acordo com o relato dos evangelistas, quando Jesus é posto a prova pelos fariseus, ao questionar que os judeus não deviam pagar impostos a César, e sua resposta é definitiva acerca desta separação, “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22:2. Bíblia, 1959)

Acima de tudo, a adesão total de Jesus ao seu ideal de vida fez com que ele, a todo momento, estivesse em conflito com as autoridades religiosas de seu tempo, cujo apelo social de Jesus em denunciar e lutar contra o descaso religioso está inteiramente alicerçado no agir.

Dentro dos seus três anos de peregrinação, Jesus não deixou nada atrapalhar o seu projeto de salvação e implantação do reino de Deus na terra, não se percebe nenhum retrocesso e recuo da parte de Jesus, acerca de seus ensinamentos, nem a pedido de familiares ou imposição de sua própria classe social e, nada afastou Jesus daquilo que combatia. Porém, sua trajetória o levou a exaustão, ao ponto de dizer que desejava ansiosamente ceiar pela última vez com seus discípulos, uma demonstração que sua entrega, para seu plano de estabelecer o reino dos céus foi total e exaustiva (Lc:22-5) (Bíblia, 1959).

É tradição milenar mostrar um Jesus sereno e compassivo dentro das religiões cristã, no entanto, os dados históricos mostram um Jesus diferente, um Jesus combativo e rigoroso, ao mesmo tempo cansado de sua jornada frente os problemas sociais, políticos e religiosos de sua época e, por ele foram vivenciados e enfrentados e, em muitas vezes, tendo o perigo de seus concidadãos o apedrejarem ou jogarem de um penhasco.

Seu ideal de vida e a formação de seus primeiros seguidores pode ter proporcionado muito stress e impaciência em Jesus e, a falta de lucidez de seus primeiros seguidores, em muitos relatos bíblicos, o aborrecia muito, mas, nem por isso, deixou de instruir seus ensinamentos, repetidas vezes. E, sempre buscando através de parábolas, comparar sua pregação com as formas de trabalho e de vida

daquelas pessoas, que seguiam seus ensinamentos, sendo a maioria pobres e subjugados a estarem as margens da sociedade da época.

Havia, também, o messianismo envolto de Jesus e os falsos messias até a sua época combatidos pelos Herodes ou pelos Romanos foram muitos, fato é que, os Judeus esperavam o “messias”, este que era o “filho de Davi”, que iria retirar o domínio dos Romanos e restabelecer o verdadeiro culto no Templo e a união dos Judeus novamente.

No entanto, cada seita judaica esperava um messias diferente, alguns esperavam um messias sacerdotal, que colocaria o Templo de Jerusalém como único e estabeleceria a paz a todos os Judeus, outros, acreditavam que o messias viria como militar, que expulsaria os Romanos da Judeia, pensamento este que Judas, o traidor, tinha em mente, até a morte de Jesus, que ele iria voltar-se para os romanos, pela espada. E, tinha aquela parte dos Judeus, que acreditavam em um messias profeta, o último profeta esperado, que estabeleceria o reino de Deus de fato na terra.

O que se pode retirar de forma integral dos ensinamentos de Jesus é de fato uma vasta sabedoria e uma leitura temporal e atemporal muito grandiosas, para os biblistas a palavra escatologia seria esta visão que muitos dos ensinamentos de Jesus trouxeram, uma visão acerca dos fins dos tempos trazidas de forma original por Jesus, por ser ele dado como o filho de Deus e, por ele mesmo se intitular-se como filho de Deus, tendo assim, o conhecimento de tudo, ultrapassando qualquer limite da razoabilidade humana.

E, essa visão de Jesus como filho de Deus estava presente não somente no ciclo mais próximo, mas também em muitas outras regiões, como é relatado nos evangelhos. As titulações dadas a Jesus, pelo próprio povo de Israel, como “filho de Davi” ou “filho do Deus vivo” e “Mestre e Senhor”. A palavra “Senhor” só era pronunciada para o Deus de Israel. Chamar alguém de Senhor seria uma heresia, podendo ser punida com a morte, naquele tempo.

De forma que Jesus percorreu diversos lugares da Judeia e da Galileia pregando seus ensinamentos e curando, sendo ao mesmo tempo querido em alguns lugares e, dado como herege, em outros lugares, de forma que, o próprio Jesus sabia

muito bem de sua condição naquele período, “o próprio filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mc 8: 20. Bíblia, 1959).

4. JESUS COMO AGENTE SOCIAL DE SEU TEMPO

O processo histórico de Jesus se dá como uma divindade e, ao mesmo tempo, como homem. O que se vê, em muitos livros e pregações religiosas de hoje, é a exaltação do divino e, de certo modo, um total esquecimento do seu papel social daquela época. Como nos conta o teólogo Calos Palacio (2000), Jesus foi tão humano, que só poderia ser divino, como trás, também, o título de sua autoria na revista humanista Unisino “Jesus humanamente divino e Divinamente humano”.

E, é por isso que seu papel social foi tão rico para sociedade judaica daquela época. Trouxe, para o meio do seu processo de evangelização, as mulheres marginalizadas e as consideradas objeto de pertença do homem de seu tempo; os cochos e leprosos que deviam manter distância do convívio social isolados de todos e tudo, buscou conversar e se importou com as prostitutas, cobradores de impostos, viúvas e órfãos pessoas odiadas ou desprezadas por todos daquele tempo.

Esquecer o apelo social de Jesus naquele período é apagar suas pegadas no tempo, mostrando um Jesus milagreiro sem ponto histórico, sem colocá-lo como uma pessoa humana, que foi e deve assim ser estudado neste quesito. E, creio ser um dos fatores fundamentais que distingue Jesus de qualquer comparação com doutrina ou filosofia, como afirma o estudioso Paulo Roberto S. Bastos,

Jesus não convidava a uma revolução política, mas pregava uma revolução social perigosa (CROSSAN, 1995, p. 204). Jesus de Nazaré pretendia uma libertação plena. Tinha um projeto social amplo para atender a todas as pessoas. Contemplava o indivíduo, considerando-o como sujeito e, ao mesmo tempo, coletividade estabelecidas as regras mínimas de convivência, baseadas na caridade. Caridade que não se restringiu a dar coisas. Caridade como compartilhamento de sentimentos e de espaços físicos ou simbólicos, de um exercício de boa convivência, de respeito a si mesmo e ao próximo visto como igual. (BASTOS, 2009, p. 111).

Jesus, neste ponto, foi muito mais além do que propor uma corrente filosófica de pensamento ou um tipo de sábio, sua ação em seu tempo queria mudar a estrutura

social, mudar o status quo romano operante e o farisaísmo de sua época, impactando de forma enérgica naquele período, não sendo assim uma filosofia especulativa, mas sim, operando como um agente social de transformação e luta pelos marginalizados.

Todo o Império Romano era excludente e Jesus viveu em um território invadido pelos romanos e, a exclusão era imposta pelos Romanos em muitos dos seus territórios conquistados. A falta de liberdade e de abusos e exclusões por toda parte era grande desta forma podemos, sem sombra de dúvida, dar a Jesus principalmente, o título de ser social, um ser de transformação e não de doutrinação, de liberdade e não de prisões dogmáticas e religiosas como os fariseus e doutores da lei buscavam fazer. De fato, Jesus tentou simplificar as leis da Torá para todo o povo simples de seu período fazendo que todos pudessem entender voltado suas pregações as realidades do povo.

E, talvez seja um dos fatos que mais chamou a atenção dos pobres daquele período pois, Jesus falava para eles e com eles, diferente dos fariseus e doutores que não se punham a se envolver com todos, apenas com sua própria casta. Isso gerava muita aversão pelos Judeus mais simples que viam a forma que tais fariseus e saduceus viviam e, a riqueza que muitos tinham, em detrimento de serviço prestados ao Templo.

A confusão estabelecida entre as autoridades em dizer quem era de fato Jesus, alargavam tanto os muros do sinédrio, como do palácio de Herodes Antipas e a fortaleza de Pilatos, intrigando muitas vezes os seus próprios discípulos. É o que nos mostra os evangelistas na famosa pergunta de Jesus aos seus discípulos “e vós quem dizeis que eu sou?” (Mt 16:13-15. Bíblia, 1959). O fato é que, além do homem ali presente a eles, Jesus mostrava-se também como divino e rei de um reino espiritual e tais afirmações, desagradaram muito mais a classe sacerdotal do que Herodes e Pilatos, apesar de Jesus ter sido morto pelas mãos de Pilatos, o que os próprios evangelistas relatam é que os sacerdotes tinham inveja dele.

A partir dos inúmeros conflitos e da rejeição sistêmica entre as classes de autoridades de Jerusalém e entre alguns de seus próprios seguidores, se faz parecer que houve um fracasso do ideal de Jesus, em seu plano do reino de Deus na terra e, no seu projeto de amor para com o próximo, e de fato, sua humanidade foi dilacerada

pelos romanos e taxado como criminoso, como afirma o próprio Papa Francisco em uma homilia feita em Nova York no dia 24/09/2020, “E se, às vezes, os nossos esforços e o nosso trabalho parecem gorar-se e não dar fruto, estamos a trilhar a mesma via de Jesus Cristo; a sua vida, humanamente falando, acabou com um fracasso: o fracasso da cruz”.

Algo que a própria história posterior pôde, sim, confirmar foi essa primeira ideia de fracasso histórico e humano de Jesus pois, foi morto em uma cruz e humilhado em seu plano social, moral e religioso que trazia, mas, em um segundo momento, a história nos mostra que houve o sucesso do ideal de Jesus, após sua morte. Mostra, também, que o seu plano de restauração espiritual foi um sucesso, de uma forma, pois, sobrevive até os tempos presentes, em todos os lugares do mundo.

Não há como negar, antropológicamente, que a semente do reino semeada por Jesus, como mesmo ele conta em parábola, não tenha germinado e dado abundantes frutos, mesmo que em alguns períodos da história de forma negativa particularmente, na história da Igreja Católica, que levou o ideal cristão para legalizar as guerras tão bem conhecidas pelos historiadores como foram as cruzadas.

Aqui se chega a outro ponto específico da história de Jesus, que neste caso é o seu legado, após sua morte, a sua exaltação divina, que o deixou conhecido como o “Christus”, traduzido do grego quer dizer, “o ungido”. Analogia igual ao profetismo judaico, do messias que iria vir e salvar o povo Judeu, e neste caso para os primeiros cristãos, o messias era Jesus. O primeiro ponto a se trabalhar aqui, sobre o cristianismo, é saber que há um advento pós morte de Jesus, com a sua ressurreição dos mortos, como conta seus primeiros seguidores. Jesus era um Judeu e claro que, ele claramente não ouviu ninguém chamar nenhum de seus seguidores de cristãos.

A grande transformação de Jesus, nos primeiros séculos de cristianismo, não foi pela força bélica, como a dos romanos e sim, pela mudança de mentalidade e aceitação universal de seus ensinamentos, por todos e, nos anos seguintes, chegou a balançar as estruturas do Império Romano, seja em primeiro momento pela recusa e em segundo momento, com a aceitação definitiva da religião do Estado Romano por Constantino em 33 d.C.

Na prática, a ação social levantada por Jesus estava pautada sobre a liberdade e o respeito a pessoa humana e a equidade entre os seres humanos, algo incabível para os Romanos, que se sentiam superiores diante a qualquer povo de sua época e, os Judeus ricos que se negavam a repartir seus bens e prestígios com os outros, acumulando riquezas e promovendo o afastamento dos moribundos e os pecadores para longe dos círculos sociais da época. Jesus alertou, certa ocasião, que era mais fácil um camelo passar por debaixo de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus. (Mt 9:24). (Bíblia, 1959).

De forma lúcida e bem clara, o teólogo e Frade Carlos Mesters (1982) demonstra que a mensagem de Jesus vai além de um discurso próprio, Jesus adentrou socialmente na vida daquela gente de seu período,

Diante das múltiplas promessas de Reino que, algumas, na verdade, buscavam oprimir as pessoas, Jesus se apresenta como o libertador do Reino de Deus e da pessoa humana. Entendia que a mudança radical com a chegada do Reino significava que o povo tinha de ser irmão, e não um povo dominador. Convocava a todos para mudar de vida. Assim ele iniciou a mudança, colocou se ao lado dos pobres e excluídos, mas os que mantinham o poder não acolheram. Os pobres e marginalizados pela sociedade compreenderam e acolheram sua mensagem. (MESTERS, 20, p. 53)

Esse jeito de Jesus de se tornar o centro vital de todo agir social de incluir aqueles que estão as margens da sociedade e repudiados pelas elites dominantes, se equivale as atitudes de qualquer agente social, o qual deve seguir, mesmo que não conheça a pessoa de Jesus, os seus passos, para de fato, possa proporcionar uma transformação radical e visível, em qualquer lugar que ali precise e carece de um olhar cuidadoso.

É difícil ver a figura de Jesus sem antes perceber nele um homem completamente atento diante a necessidade do outro, em vários relatos e parábolas que ele ensinou ali está à procura da presença desvalida do outro e o cuidado samaritano a socorrer, como ele mesmo o fez em muitos relatos ocorridos, em muitas passagens relata-se que ele curou e fez milagres introduzindo as pessoas para o convívio da sociedade como fez com muitos leprosos, cegos, coxos e a pessoas de má índole. Mas também é de se ler nos textos que descrevem sua vida os apelos pela

justiça social quando acusa os chefes da lei sobre os descasos com as minorias da época como viúvas, prostitutas, crianças e renegados.

Não é à toa que nasceram a partir da interpretação dessas passagens bíblicas no mundo atual muitas fontes teológicas cristãs que adentram nas margens da sociedade para tentar dar sentido aos propósitos de Jesus na defesa das pessoas marginalizadas e indefesas, como é o caso da teologia da libertação, iniciada na América Latina pelo padre Gustavo Gutierrez que pregava a defesa do pobre e injustiçado pela lógica capitalista moderna, onde se teve muitos adeptos tanto no catolicismo quanto também no protestantismo, seguida em diferentes partes deste continente.

5. AS PRÁTICAS SOCIAIS DE JESUS

Em várias passagens da Bíblia percebe-se um Jesus preocupado com os anseios sociais da sua época, desde o início de sua missão profética até os seus últimos dias ele fez ecoar por meio de suas pregações reunindo milhares de pessoas o seu anseio de libertação e de amor ao próximo, um amor que dá oportunidades para uma vida melhor e mais segura, frente a uma realidade social dominada e perversa.

A parábola do juízo final é uma demonstração clara do querer de Jesus para uma mudança social quando ele alerta e ao mesmo tempo denuncia a falta de assistencialismo aos que se encontravam em situações deploráveis, “porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; era peregrino e não me acolhestes; nu e não me vestistes; enfermo e na prisão e não me visitastes”, (Mt, 25: 42-46. Bíblia, 1959).

As autoridades da lei de sua época não queriam colocar em prática seus ensinamentos por rejeitar a ideia do reino de Deus que Jesus pregava, um reino de Deus com justiça social e condições de vida digna para todos, preferiam uma realidade excludente, violenta e segregada. Diferente de Jesus que não excluiu ninguém e acolheu a todos.

Jesus não somente anunciou seus ideais como também os praticou, na verdade, Jesus aparece em algumas passagens bíblicas preocupado e cansado com tantos anseios de seus contemporâneos, quando afirma que a “messe é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Lc 10,1-9. Bíblia, 1959), ou no poço com a samaritana onde o discípulo João relata que Jesus estava cansado (Jo 4:6-10. Bíblia, 1959). Porém, em nenhum momento se relata que Jesus deixou de fazer o bem para aquelas pessoas.

Além disso, Jesus curou e fez milagres atendendo muitas pessoas necessitadas por doenças de diferentes gêneros, mas o que pode ter sim mudado a vida de muitas pessoas de sua época foi a sua aproximação com os desvalidos e marginalizados, e isso é narrado em várias partes dos evangelhos, como no caso de Mateus um dos discípulos que era cobrador de impostos e mal visto pelos seus compatriotas judeus (Mt, 9:9-13), Zaqueu que também exercia essa mesma função (Lc, 9: 3-7), e Maria Madalena pega em adultério (Jo, 20: 11-23).

Em outros casos narrados Jesus, também, mostrou na prática o seu pensamento social, ele não excluiu nenhuma dessas pessoas, mostrou a sua posição em relação a verdade moral e ética que ele acreditava, mudando toda a realidade aprendida por essas pessoas até antes do encontro pessoal com Jesus.

O próprio cristianismo primitivo buscou levar os anseios sociais de Jesus em seus primeiros encontros onde tudo era repartido, e se tinha uma atenção maior aos pobres, viúvas e famintos da época, “Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (Atos, 2:42. Bíblia, 1959), dando a entender que o cristianismo posterior que não esteja pautado em tais práticas está distante do verdadeiro ideal de Jesus, pois os que de fato caminharam com ele sobre a terra buscaram exercer esse olhar atento e cuidadoso com a pessoa humana e suas necessidades.

A condenação de Jesus é clara quando não se tem práticas que visam o bem da pessoa humana e uma verdadeira transformação social, onde se excluí, engana e explora a estes tipos de pessoas o peso das palavras de Jesus sempre foram duras e ríspidas, “Ai de vós, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Pois vós explorais as viúvas

e roubam os seus bens, sob pretexto de prolongadas orações; por isso, sofrereis mais rigoroso juízo”. (Mt, 23: 14. Bíblia, 1959)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, como se percebe no trabalho aqui apresentado a figura de Jesus é incondicionalmente incompleta sem a apresentação e demonstração de seu agir social e humano em sua época. Uma figura que andou as margens da sociedade judaica de sua época buscando socorrer aqueles que mais necessitavam de ajuda.

Foi Jesus, um dos principais personagens da história da humanidade, que desafiou todos os poderes opressores de sua época e não negou seus valores religiosos e sociais, mesmo diante da morte eminente e degradante, por defender um lugar mais fiel a dignidade humana. O reino de Deus pregado por Jesus era, de fato, o lugar que não se estendia apenas para uma parcela da sociedade, e sim, pode ser para todos aqueles que queiram e buscam a justiça social.

A intenção deste texto é, acima de tudo, mostrar o agir social de Jesus, mesmo que também tenha se adentrado no campo do religioso, para se mostrar esse objetivo. O perigo do fundamentalismo, misticismo e do mitológico beira muitas religiões e é dever racional mostrar os fenômenos passados por Jesus, também, pelo estudo aprofundado e detalhado de estudiosos.

Assim uma visão fraturada, cheia de ficção e ilusória da realidade histórica do período de Jesus não convence e foi o que, também, tentou-se evitar mesmo porque a história necessita da vertente de comparações e acontecimentos repetidamente contados por muitos autores, para uma conclusão mais precisa dos fatos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASNIS, Nelson. A prática da circuncisão do Judaísmo em questão. **Revista do instituto cultural judaico marc chagall**. v.7 n. (jan-jun) 205.

BASTOS, R, S, B,; Jesus de Nazaré e a Palestina do seu tempo: uma análise do Jesus histórico em relação à opressão econômica, social e política. **Revista CES Juiz de Fora**. v. 23, p. 03-3, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**, 141.ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959, (impressão 2001). 1632p..

DONNE, Anthony Le. **A história de Jesus para quem tem pressa**. [recurso eletrônico] / Anthony Le Donne; tradução de Milton Chaves. - . ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

FRAZÃO, Dilva. **Ebiografia**, 2020. João Batista, pregador religioso. Disponível em: Biografia de João Batista - eBiografia

MESTERS, Carlos. **Um projeto de Deus. A presença de Deus no meio do povo oprimido**. São Paulo, Paulinas, 1982

MORENO, Alcione. **Jesus o homem**. São Paulo, CPDos, 2000.

LEMOS, R, C, R. **Reino de Deus, experiência que aponta para a vida, um estudo da experiência portadora de vida a partir da obra “Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo.” Em Leonardo Boff**. 20, 5 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 20.

TEIXEIRA, F,; PALACIO, C,; SHLOSSER, J,; Jesus humanamente divino e divinamente humano. **Revista do Instituto Unisinos online**. São Leopoldo, 06 de julho de 2000 | EDIÇÃO 336.